

Vez e voz às crianças!



Lara Tamashiro Webber, 10 anos – São Paulo

EDITORIAL

NEM TANTO AO ACASO, NEM TANTO À PRESCRIÇÃO

Por Adriana Pastorello Buim Arena

“A saúde mental da criança se deteriora, ao longo dos anos, sob o efeito das deficiências sociais, do descuido e do egoísmo dos adultos, da sociedade capitalista que subordina o florescimento dos interesses primeiros da criança.” Essas palavras, que encontramos na capa do livro *A saúde mental da criança*, de Célestin Freinet, publicado em 1979, ainda soam como um alerta necessário aos professores que militam por uma alfabetização humanizadora.

Os documentos oficiais, ao longo dos tempos, não prescrevem instruções para o pleno desenvolvimento da criança, por uma educação transformadora do homem, e, consequentemente, da sociedade. Todos eles deveriam ser elaborados a partir de outro paradigma. A BNCC, o documento oficial atual no Brasil, repete essa tradição. No estágio em que nos encontramos no Brasil, o de uma democracia fragilizada em sua história recente, seria ingenuidade acreditar que esse documento oficial, como diz Freinet, não deterioraria a saúde mental das crianças ao propor atividades vinculadas a objetivos inatingíveis pelas crianças devido à falta de vínculo que existe entre o que se propõe que a criança faça e o que de fato ela vive.

Proporíamos uma rebelião do tipo *Abaixo os documentos oficiais*? Não! Precisamos muito deles para não correremos o risco de enfrentar um completo *laissez-faire* na educação nacional. Imaginem se um

professor decidisse ensinar que a Terra é plana? Que não houve evolução das espécies? Que não é necessário ler e escrever textos literários? Que o que importa são apenas as ciências da natureza?

Sim, precisamos dos documentos oficiais, mas somos nós que devemos escrevê-los! É preciso envolvimento na reformulação dos documentos oficiais para que representem a vontade e a necessidade da base formada pelas classes sociais e pelos segmentos que compõem a sociedade, entre eles os professores.

A professora Silvia de Simas demonstra, no interior deste boletim em seu relato sobre a *Experiência do Reino Fungi*, como driblar prescrições doentes para dar espaço aos interesses das crianças. Como elas queriam saber sobre cogumelos, Silvia aproveitou para ensiná-las a usar instrumentos de pesquisa: o microscópio, a internet para buscar vídeos explicativos sobre os diversos tipos de cogumelos, a prática de experiências de observação de formação dos fungos. Isso tudo foi muito além do que uma simples resposta a respeito do que é um cogumelo, desenhar o cogumelo, e fazer corresponder letra e som da palavra cogumelo.

Às vezes, as professoras precisam criar um ambiente instigador para que possa introduzir um novo conceito, que não virá espontaneamente. Jamais, entretanto, pode matar o florescimento dos seus primeiros interesses.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Por Érika Christina Kohle; Vanilda Gonçalves de Lima

As políticas curriculares norteadoras da alfabetização e do ensino de Língua Portuguesa para os anos iniciais do ensino fundamental no Brasil fundamentam as práticas dos professores em relação às propostas destinadas à apropriação da linguagem. Elas se baseiam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) que orienta a formação de professores, a proposição de metodologias de ensino, os programas de auxílio às aprendizagens das crianças, as habilidades e os conteúdos exigidos nas avaliações internas e externas.

A BNCC, no que se refere à alfabetização e o ensino da língua portuguesa, propõe encaminhamentos pedagógicos para o desenvolvimento de habilidades e de competências com saberes que não extrapolam a formação técnica. Por motivos políticos e econômicos, visa a fornecer mão-de-obra treinada para o mercado de trabalho em detrimento da oferta de ensino emancipado e não-alienado desde o início da sua escolarização. A melhor orientação seria a de propor o protagonismo das crianças na compreensão e elaboração de gêneros do enunciado porque considera a situação social em trocas verbais orais e sob a forma escrita.

Ao contrário do que propõe a BNCC, as crianças poderiam escrever algo para alguém como se dá na vida real. Deste modo, em vez de ensinar a linguagem escrita junto aos atos humanos a ela integrados, a escola apenas simula e a substitui por outro objeto: a língua oral ou fragmentos dela, como se aprender a escrever e a ler fossem atos de fala.

Tal questão evidencia a necessidade de definição do objeto de ensino e de aprendizagem da língua materna, tanto para os atos de ler quanto para os atos de escrever, isto é, o enunciado, que se concretiza por meio dos diversos gêneros, em um processo de troca de ideias, de informações, de percepções. Portanto, ler e escrever

os diferentes gêneros de enunciados significa dominar as formas finais, nas quais a linguagem se manifesta na vida humana. São elas que tornam os indivíduos capazes de ler e compreender o mundo em que vivem e de agir nele. Se no meio em que a criança vive “não existe a forma ideal correspondente e se o desenvolvimento da criança, por força de quaisquer circunstâncias, transcorre [...] fora da relação com a forma final, então a forma correspondente não irá se desenvolver por completo na criança” (Vigotski, 2018, p. 87).

Diante do que foi exposto, propomos um processo de alfabetização que exponha para as crianças a riqueza e a complexidade da criação e da compreensão de enunciados que fazem parte do acervo vivo, não apenas da linguagem, mas também dos bens da cultura humana.

Como contraproposta ao ensino de elementos da língua tais como letras não integradas a um enunciado, fonemas, sílabas, parte de palavras, pseudopalavras, palavras descontextualizadas, propomos o ensino com a materialização dos gêneros, mesmo para aqueles que apresentam dificuldades em compreender os atos humanos com a linguagem escrita, ou seja, mesmo para as crianças em processo de exclusão motivado por metodologias excludentes, como as sugeridas pela BNCC. Defendemos uma proposta de alfabetização humanizadora que não considera as práticas fundamentadas no paradigma construtivista, quando estabelece relação entre letras e segmentação sonora, nem com o método fônico, que insiste na consciência fonológica como pré-requisito para a alfabetização. Essas tendências foram inseridas na BNCC, embora estejam teoricamente distantes uma da outra. Outra tendência que a elas se confunde no documento é a do letramento.

Propor a alfabetização humanizadora significa propiciar às crianças condições para a apropriação de atos de ler e de escrever que promovam

o seu desenvolvimento intelectual e de sua consciência. Por ela, é possível abrir trincheiras de resistência contra as políticas públicas que visam a desumanizar o processo de alfabetização.

Vale lembrar que o processo de humanização vê as crianças como seres humanos históricos, sociais e culturais, capazes de superar os limites do corpo biológico, avançando na direção de um ser que cria cultura, transforma seu meio, ao mesmo tempo em que também se transforma. Tudo isso inclui a apropriação dos meios externos de desenvolvimento cultural e de desenvolvimento do pensamento, tais como a linguagem (oral e escrita), o desenho, o cálculo matemático, a memória lógica, o pensamento em conceitos, etc., próprios das funções psicológicas superiores dos seres humanos.

A partir da premissa de que a linguagem escrita é um instrumento cultural complexo, que cumpre uma função social como meio de trocas verbais entre os sujeitos sociais e de estabelecimento de relações de poder entre eles, supõe-se que o seu domínio não possa ser reduzido ao conhecimento de como a linguagem escrita se tornou alfabética na época áurea da Grécia, mas deve ser o domínio de sua transformação histórica articulada às tecnologias e aos atos humanos que a empregam no cotidiano da vida.

Um exemplo do que se propõe para os processos de ensino e de aprendizagem da linguagem pelo Nahum – Núcleo de Alfabetização Humanizadora – foi proposto pela professora da Educação Infantil do Município de Capinzal, Silvia de Simas que poderá ser encontrado na sequência desse boletim, intitulado “Experiência do Reino Fungi com crianças pequenas: Cogumelos venenosos ou saudáveis?” Em sua proposta, a professora Silvia preocupa-se em reafirmar os processos de aperfeiçoamento e amadurecimento da Educação Infantil, com foco na aprendizagem e socialização das crianças pequenas e dos bebês, em situações de vivências e de experiências com os atos de ler e de escrever com intenções relacionadas com o Outro.

A professora demonstrou ter compreendido o que Geraldi (2010) relata sobre seus estudos com professores. Ele afirma que a identidade profissional não é posta em crise quando os conteúdos

abrem as portas para as descobertas, para o inesperado. A professora, ao compreender os motivos e as necessidades das crianças no momento em que encontraram um cogumelo no gramado da escola, cria, com eles, situações desafiadoras e de descobertas, que envolveram apropriações e objetivações de atos de escrita vinculadas ao cotidiano da vida. Quando a cultura humana é posta à disposição para a sua apropriação, por meio da linguagem oral e escrita, por vivências e experiências múltiplas, o prazer do aprender com o outro se manifesta e emergem possibilidades de construção de identidades, tanto do professor quanto das crianças.

Nos momentos em que ocorrem situações de escrita em contextos interativos, as crianças aprendem o valor da troca cultural, da interação humana por atos com linguagem. A apropriação de atos de ler e de escrever, especificamente, são apropriados nesse processo em que a cultura da vida se funde com a cultura escolar.

Desta forma, fica evidente que trazer para a escola variedades de gêneros sempre promove o desenvolvimento cultural, não só para a aprendizagem de conhecimentos formais, como também para a experiência de trocas históricas, culturais e sociais pela linguagem.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- GERALDI, João Wanderlei. *Ancoragens – estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e Paulo Editores, 2010.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Organização [e tradução] de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

EU FAÇO ASSIM

EXPERIÊNCIA DO REINO FUNGI COM CRIANÇAS PEQUENAS. COGUMELOS VENENOSOS OU SAUDÁVEIS?

Por *Silvia de Simas*

Nos últimos quatro anos, a educação infantil da minha cidade vem passando por um processo de aperfeiçoamento e amadurecimento, com um olhar mais sensível ao processo de aprendizagem e socialização das crianças pequenas e dos bebês. Este relato destaca o protagonismo de crianças de 4 a 6 anos ao vivenciar a cultura escrita de forma natural, porém carregada de intencionalidades.

Tudo começou durante um recreio de outono, quando um grupo de crianças encontrou um cogumelo no gramado da escola. Correram até mim curiosas perguntando o que era aquilo. Outra criança gritou: Isso é venenoso! Sugerí que as crianças levassem o cogumelo para a sala, e pesquisamos na internet o tipo e se era venenoso. As crianças observaram imagens intrigantes que as deixaram ainda mais curiosas. A cada nova imagem, eu lia para elas a informação. Assistimos a pequenos vídeos explicativos que despertavam ainda mais seu interesse.



Figura 1 – Pesquisa e registro escrito.

Desta primeira atividade, várias informações chamaram a atenção, e foi necessário seu registro

escrito, para que pudéssemos expor para outras pessoas as nossas descobertas. Assim, no chão, com uma cartolina branca, fui indagando as crianças sobre as novas informações, e fiquei surpresa com o vocabulário utilizado pelos pequenos. As palavras usadas nos textos lidos e nos vídeos eram citadas com propriedade e exploradas uma a uma: nocivos, chapéu, hifas e fungos. Foi assim que planejei o trabalho em busca de conhecer e desvendar junto com as crianças o reino dos fungos.

Uma das colegas da turma, moradora de uma fazenda, contou que lá havia vários cogumelos. Precisávamos conhecê-los. Escrevemos de forma coletiva uma carta para a mãe da criança para a autorização da visita. Solicitamos também que ela respondesse à turma por carta. Assim aconteceu, e as crianças se encantaram com a troca de informações possível por meio das cartas.



Figura 2 – Carta.

Buscamos informações no Google sobre terrenos que favoreciam a incidência de cogumelos, destacando que as crianças precisariam de um olhar focado para encontrá-los em meio a plantas e a mata rasteira. Também ressaltamos a importância de observá-los e não os pegar com a mão, uma vez que alguns poderiam ser venenos. Com o auxílio de

lupas, as crianças encontravam os cogumelos e os analisavam em tom de euforia: não venenoso, bebê, grande, pequeno.



Figura 3 – Visita exploratória.

No retorno para a escola, ilustramos em um cartaz as observações realizadas, e desenhos maravilhosos foram ganhando forma. Coletamos com a pá alguns cogumelos e os plantamos em um terrário para acompanhar seu desenvolvimento. Todos os dias, as crianças observavam e comentavam seu desenvolvimento.

Observamos uma fatia de pão dentro de uma sacolinha plástica e acompanhamos a proliferação dos fungos. Dessa experiência, fizemos um diário. A cada dois dias, o pão era observado com lupa. As crianças desenhavam e a professora escrevia, com palavras das crianças, os comentários sobre as mudanças.

Uma professora de ciências veio conversar com as crianças sobre os fungos e falou sobre a incidência dos fungos na vida das pessoas e como eles estavam mais presentes do que imaginávamos em nosso corpo, debaixo de nossa unha, na nossa alimentação. Trouxe também material para ser observado no microscópio.



Figura 4 – Observação do fungo com o microscópio.

Nos dias seguintes, fomos aos poucos registrando as informações trazidas pela professora e confeccionamos o álbum dos fungos, com imagens, desenhos e textos produzidos pelas crianças e registrados pela professora. Criamos a caixa de palavras científicas com as palavras novas que surgiam: eram escritas e desenhadas. Uma criança fazia o registro em uma ficha que era armazenada na caixa, enquanto as demais faziam o mesmo registro em uma tira de papel a partir da palavra escrita no quadro. Com isso, formaram um livreto de palavras.

Finalmente, saboreamos cogumelos em conserva. Apesar da expectativa saborosa, a experiência de degustação foi descrita como muito ruim, o que ficou registrado num pequeno gráfico em colunas com o nome das crianças e as categorias de gostou, não gostou e gostou um pouco.



Figura 5 – Degustação de cogumelos.

Essas vivências foram intencionais do ponto de vista da professora e reestruturadas ao longo do projeto conforme apresentavam-se as curiosidades e as sugestões dos pequenos. Para mim, uma experiência incrível ao ver como cada nova descoberta despertava mais interesse do grupo. Com o passar dos meses, ainda se faziam muitas referências aos cogumelos, e o vocabulário então adquirido estava presente e incorporado. Novos questionamentos surgiram e as famílias se envolveram, direcionando o olhar dos filhos nos passeios, nos livros e nas vivências diárias. Tudo isso contribuiu para que, de forma natural e livre, as crianças se encantassem em aprender e entender o mundo das palavras que comunicam.

MURAL

COMPARTILHANDO IDEIAS

Você certamente já conhece o livro de Literatura Infantil **O pato, a morte e a tulipa**. Agora, ele está disponível como animação no You Tube. Para acessar o vídeo, abra o link: <https://youtu.be/uD7Ld1Gifn8?si=2CWKddjbtANcb6B4>

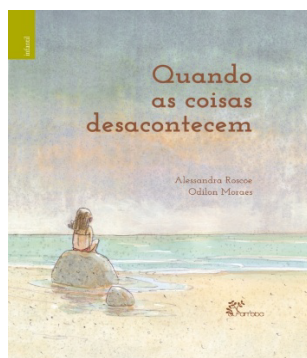
Obs: caso não esteja visualizando a tradução em português, clique em “Legendas” no canto do vídeo.

LITERATURA NA RODA

“A Gabriela adora o mar, as estrelas, as coisas grandes e as pequenas. Hoje de manhã perguntou-se, enquanto vigiava o vai e vem das ondas:

— O que acontece às coisas quando elas desacontecem?

Na cabeça da Gabriela, as ideias estão sempre a acontecer e a desacontecer (p. 9-13).”



Gabriela é a personagem central de “Quando as coisas desacontecem” (Alessandra Roscoe, Ed. Gaivota). O livro tematiza a morte, o luto e o processo de transformação pelo qual todos os seres vivos passam. De igual temática que a obra apontada acima, este livro serve de apoio ao/a

professor/a que necessite abordar, com suas crianças, um assunto tão delicado como esse.

Obs: Esse livro foi indicado pela Profa. Dra. Cyntia Graziela G. S. Girotto, do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília, a quem agradecemos a contribuição.

FIQUE POR DENTRO

O que entendemos por alfabetização humanizadora? Esse é o título do artigo escrito por *Dagoberto Buim Arena* e presente em nossa página do NAHum, na aba Publicações: Artigos acadêmicos.

Sua leitura é complementar ao artigo de *Érika Christina Kohle* e *Vanilda Gonçalves de Lima*, publicado neste Boletim. Quem já o leu vale reler, e quem ainda não o leu, pode aproveitar a oportunidade!

DIÁLOGO COM LEITORES

Olá, eu sou **Eliane Ap. da Silva de Achilles**, professora do Ensino Fundamental e Educação Infantil na cidade de Garça-SP. Nos últimos anos a busca por uma alfabetização em que meus alunos exerçam o papel de protagonistas tem sido o foco do meu trabalho. O NAHum vem para acolher os professores que, assim como eu, acreditam que os alunos têm vez e voz, deixando para trás práticas do ensino tradicional. Os boletins são fontes de inspiração e aprendizagem e as seções “DE PROFESSOR PARA PROFESSOR” e “EU FAÇO ASSIM” mostram que a alfabetização humanizadora é possível e acontece por todo país, já que revelam experiências reais e aplicáveis a cada publicação. Desta forma, a cada publicação, o NAHum vem socorrer, ensinar e provar que não estamos sozinhos na luta por uma prática que leve o nosso aluno à verdadeira transformação.

O Boletim do NAHum tem sido uma ferramenta de fundamental importância em minha trajetória como Coordenador Pedagógico. Explico, o boletim do NAHum tem me auxiliado no processo de formação continuada de professores desde o momento que tive o prazer de o conhecer em seu primeiro número no final do ano de 2020. A organização do boletim com suas sessões: Editorial, De Professor para professor, Eu faço assim, e Mural, tem um alinhamento e um encadeamento de ideias que possibilitam aos leitores uma apropriação dos conceitos em sua totalidade, ou seja, o Boletim do NAHum, mesmo em poucas páginas, detém aprofundamento teórico e conceitual e ao mesmo tempo demonstra na prática que é possível um processo de uma verdadeira Alfabetização Humanizadora, ao socializar ações de professoras e professores no cotidiano de sala de aula. Tal formato, e, principalmente, o posicionamento ideológico claro em defesa da superação de práticas de alfabetização limitadoras tornam o Boletim do NAHum um instrumento fundamental no processo de formação inicial e continuada de professoras e professores.

Cleber Barbosa da Silva Clarindo – Coordenador Pedagógico da Secretária Municipal Educação de Araçatuba.

Expediente e atendimento ao leitor pelo site: <https://nahum-lescrever.com.br/>

Todos os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ou imagem aos responsáveis por este boletim. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.